
Notas sobre o 11 de setembro, a catástrofe e o tempo presente

Diego Leonardo Santana Silva^I

Katty Cristina Lima Sá^{II}

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar notas sobre o 11 de setembro e sua relação com o tempo presente e a catástrofe tal como colocada por Henry Rousso. Para isso, inicialmente iremos analisar como esse evento em particular foi marcado como um “acontecimento monstro” aos moldes da concepção e Pierre Nora. Adiante, serão abordadas consequências desse fato para além da história americana e, adiante, as concepções de catástrofe e tempo presente serão abordadas visando demonstrar de que maneira o 11 de setembro representa um exemplo de um incidente traumático e que trouxe consequências para os atores envolvidos e para além deles. Desse modo, o texto demonstrará de maneira sucinta elementos dessa relação.

Palavras-chave: 11 de setembro; Catástrofe; Tempo Presente.

Notes on 9/11, the catastrophe and the present time

Abstract: This article aims to present notes on September 11th and its relationship with the present time and the catastrophe as posed by Henry Rousso. For this, we will initially analyze how this particular event was marked as a “monster event” along the lines of Pierre Nora’s conception. The consequences of this fact beyond American history will be addressed below. Further on, the conceptions of catastrophe and the present time will be addressed in order to demonstrate how September 11 represents an example of a traumatic incident that brought consequences for the actors involved and beyond. Thus, the text will succinctly demonstrate elements of this relationship.

Keywords: 9/11; Catastrophe; Present Time.

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

Os ataques aos Estados Unidos como a abertura de um novo século

O presente artigo objetiva analisar os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 relacionando-o com a concepção de catástrofe, tal como colocada por Henry Rousso^{III}, e de tempo presente. Tal incidente se tornou um marco de nosso tempo, de modo que ele possui espaços de memória diversos - entre eles, o *National 9/11 Memorial Museum*, na cidade de Nova York, e o *The September 11 Digital Archive*,^{IV} que reúne depoimentos de sobreviventes e de parente de vítimas - e foram inúmeras vezes retratados em documentários, filmes ficcionais, podcasts entre outros. Ademais, os ataques nas cidades de Nova York e Washington influenciaram as relações entre o dito Ocidente e os países muçulmanos, bem como ditaram o modo que o primeiro enxergava o segundo. Convém lembrar que, em pesquisa da Pew Research Center realizada em 2016, 49% dos estadunidenses entrevistados afirmaram que o Islã era a religião mais propensa a encorajar atos de violência entre seus seguidores, e que esse credo não era condizente com a democracia^V.

A terça-feira, 11 de setembro de 2001, começou igual a tantos outros dias. Crianças americanas iam para escola enquanto seus pais seguiam para o trabalho. O próprio presidente George W. Bush se encontrava em uma escola primária na Flórida, com o fim de realizar um discurso acerca da evasão escolar, quando recebeu o alerta de que "a América estava sob ataque". Emissoras de televisão de todo o mundo, inclusive brasileiras, interromperam suas programações para transmitir, ao vivo, a cena de um avião colidindo contra a torre sul do World Trade Center (WTC) às 9h03 da manhã, no horário local. Outro avião havia se chocado contra a torre norte do WTC apenas 17 minutos antes; já havia socorristas e curiosos no local, além de sobreviventes que haviam ali permanecido para auxiliar nos resgates. Essa aglomeração tornou o segundo ataque ainda mais mortífero.

Contudo, naquela manhã, não haviam sido sequestrados dois, mas quatro aviões comerciais: além dos que rumaram para Nova York, uma aeronave acertou o Pentágono, em Washington, e outra explodiu no ar, sobre a Filadélfia, ainda que seu alvo fosse o Capitólio. Ao final daquele dia, o único em que o espaço aéreo norte-americano foi inteiramente fechado, havia mais de dois mil mortos. Os Estados Unidos da América haviam sofrido, dentro de seu território, o maior ataque terrorista já registrado. O século XXI estava oficialmente inaugurado^{VI}.

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

O evento narrado colocou em questão o superpoder norte-americano que, após a dissolução da URSS em 1991 e o conseqüente final da Guerra Fria, parecia consolidado ao ponto de que nenhuma ameaça seria capaz de fragilizá-lo.^{VII} A autoria dos ataques logo foi reconhecida: era uma ação da Al-Qaeda, rede terrorista criada e liderada pelo milionário saudita Osama Bin Laden (1959-2011), em parceria com o palestino Abdullah Azzam (1941-1989). Fundada por ex-guerrilheiros antissoviéticos que, com apoio norte-americano, venceram a Guerra Soviético-Afegã (1979-1989), a organização tinha o objetivo de apoiar espiritual, tática e financeiramente grupos extremistas islâmicos de países diversos.

Desse modo, a atuação da Al-Qaeda se dá através do estabelecimento de alianças com entidades radicais locais; entre seus aliados, estava o Talibã, que governou o Afeganistão entre os anos de 1996 e 1991. Essa aliança proporcionou a organização de Bin Laden espaço para a fixação de seu centro tático, posteriormente alterado para o Paquistão, e a construção de bases de treinamento. Por conta disso, o primeiro ato de retaliação do governo Bush (2001-2009) foi invadir o Afeganistão, retirar os talibãs do poder e matar o quadro principal da Al-Qaeda - ainda assim, Osama Bin Laden só foi capturado e morto em maio de 2011, durante o governo de Barack Obama (2009-2017). Naquele momento, se iniciou a Guerra do Afeganistão (2001-2021), que perdurou por vinte anos e terminou com o retorno do Talibã ao poder.

Os ataques de 11 de setembro de 2001 deram à Al-Qaeda a confiança necessária para prosseguir com seu ideal de *jihad*, dirigida contra os EUA e governos árabes aliados, sendo que os primeiros são considerados a causa de todos os males que afligem o Oriente Médio, tanto por seu apoio ao segundo, como por seu papel na criação e existência do Estado de Israel. Sendo assim, como demonstrado por Victoria Barber^{VIII}, a Al-Qaeda sofreu uma expansão no número de filiados entre os anos de 2001 e 2005, passando de 13 para 27 parceiros. Esse é ainda o momento de maior coesão e alinhamento entre o núcleo da organização, representada por Bin Laden e seus homens mais próximos, com seus filiados e franqueados^{IX}.

Por outro lado, para os norte-americanos, os anos que se seguiram aos atentados em Nova York e Washington estiveram ligados à dor e ao medo. Em outubro de 2001, o temor de um novo ataque era evidente e, em prol da segurança, o governo Bush lançou o *USA Patriot Act*, um conjunto de leis que aumentavam o poder do Estado visando combater ações terroristas. Com isso, houve a permissão para o acesso a dados bancários, monitoramento de e-mails e implantação de

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

escutas telefônicas, mesmo sem autorização judicial.^X Para os críticos, o "Ato patriota" violava várias emendas constitucionais, a começar pela primeira, que assegura a liberdade de expressão e associação. Mesmo assim, em 2006, 33% da população estadunidense enxergava tais leis como necessárias para o combate ao terrorismo; em 2011, o percentual foi de 42%.^{XI}

Em 2003, os Estados Unidos entraram em guerra com o Iraque após acusar o regime de Saddam Hussein (1937-2006) de possuir armas de destruição em massa, o que justificou a polêmica invasão americana. Contudo, devemos ressaltar que o primeiro argumento para a invasão foi a existência de uma aliança de Hussein e Bin Laden, que foi prontamente desmentida, pois o secularismo do ditador iraquiano não agradava ao líder jihadista. A ideia de uma "Guerra ao Terror" tomou força e logo mostrou suas consequências para além do campo da política internacional. As produções audiovisuais, por exemplo, intensificaram o estereótipo do árabe barbudo e "exótico" no papel do vilão terrorista, algo que já não era uma novidade, como visto no filme *True Lies* (1994).

Já os partidos políticos e líderes da ultradireita pautaram seus discursos em manifestações anti-imigração. Durante o governo de Donald Trump (2017-2021) houve, em 28 de janeiro de 2017, o decreto de fechamento das fronteiras para imigrantes de países majoritariamente muçulmanos, entre eles Síria, Sudão e Iêmen, nações que vivem guerras civis e graves crises humanitárias, que geraram massas de refugiados.

O impacto da islamofobia e do combate ao *outro conveniente* muçulmano foi tamanho, que, para Enzo Travesso, ele contribuiu para a formulação de uma identidade europeia, tendo os árabes desempenhado um papel semelhante ao dos judeus na primeira metade do século XX. Os muçulmanos, com suas tradições e religião diferente, representavam uma ameaça ao "modo de vida europeu". Em países como a França, usar o véu islâmico em instituições públicas, como escolas, nem sempre é visto como parte da liberdade religiosa de garotas muçulmanas, mas como uma afronta a própria democracia.^{XII}

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

O 11 de setembro para além da história americana

Nas últimas décadas, a perspectiva global para a interpretação dos acontecimentos se destacou em meio a um mundo marcado pela globalização e pelos movimentos de combate à visão eurocêntrica da história. Isso, aliado à revolução comunicacional e à necessidade da ampliação de instrumentos analíticos para estudar o passado, teve impacto na forma como nos relacionamos com a História trazendo uma série de interpretações e correntes analíticas distintas.^{XIII}

Ainda que tenha se popularizado no mundo pós-globalizado, a ideia de histórias globais não é uma invenção do nosso tempo. Ainda em 1928, o historiador francês Marc Bloch defendeu a ideia de uma história comparada, de preferência com análise de nações contíguas no tempo e espaço, com o fim de perceber a complexidade dos processos e ir além das explicações restritas à noção de "exclusividade nacional". A historiografia nacionalista vinda do século XIX, segundo Bloch, não apenas havia alimentado os nacionalismos que conduziram o mundo a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como também era uma limitadora na análise de processos historiográficos. Para ele, ao ampliarmos as fronteiras de análise, perceberemos que processos até então "isolados" na verdade possuem pontos de convergência, bem como podem exercer influências mútuas uns nos outros.

É válido ressaltar que história internacional difere de história global. A primeira diz respeito a fenômenos que ocorrem em mais de um país, ou a países que vivenciaram um fenômeno em comum. Como exemplo disso, temos a crença no poder taumatúrgico dos reis, presente na França e Inglaterra medieval, analisada por Marc Bloch em *Os Reis Taumaturgos* (1924). Em contrapartida, uma história global se diferencia pelo aumento da abrangência territorial, não se restringindo às fronteiras nacionais, como ocorre nos estudos acerca das monarquias europeias católica do século XVI e sua influência em vários continentes; ou ainda em pesquisas sobre os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que ultrapassam os ocorridos em território europeu.

Com o advento de um mundo cada vez mais conectado, a informação se dissemina na televisão e na internet em escala global e de forma instantânea, o que permite, no caso de acontecimentos monstros, que eles exerçam influência em vários países. Segundo Pierre Nora, o Acontecimento Monstro seria um evento de influência tão abrangente que se tornaria um ponto de

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

referência no tempo como foi o caso das guerras mundiais ou do 11 de setembro.^{XIV} O historiador do tempo presente acaba lidando com isso; de modo que a historiografia do tempo presente está inserida em meio a demandas sociais, em uma sociedade globalizada, uma visão historiográfica global acaba se tornando necessária. Isso acontece também em meio a apropriação de ideologias em caráter global.

Nesse sentido, o 11 de setembro foi um evento global. Ele foi um atentado transmitido por televisões de vários países que, ao decorrer do ataque, interrompiam sua programação para transmitir ao vivo aqueles acontecimentos.^{XV} Nunca mais a paisagem urbana de Nova York e a visão que as pessoas teriam da metrópole americana seriam as mesmas. Nova York foi marcada pela tragédia, e os atentados se transformaram num símbolo do terrorismo e de seus impactos.

As consequências do terrorismo dentro e fora dos Estados Unidos foram intensas, o que faz com que esse atentado não remeta apenas a uma relação entre EUA x Al Qaeda. A segurança de aeronaves foi repensada e outros países também endureceram seus mecanismos de controle. Pessoas árabes sofreram preconceito quanto a sua origem e o Islã passou a ser associado ao terrorismo por preconceituosos.

Além disso, a rede mundial de computadores passou a ser usada para divulgar os discursos jihadistas. Usando o terror como arma, a Al Qaeda tornou o medo do terrorismo uma ameaça real em um mundo conectado. Suas consequências foram drásticas e esse acontecimento passou a ilustrar o imaginário norte-americano como uma época de ruptura, assim como foi a Guerra de Secessão (1861-1865), a Conquista do Oeste e a Guerra Fria. Ele se tornou um evento que guiou toda a construção de uma política interna e externa, de uma memória e de ações que guiaram e ainda guiam os EUA nos anos subsequentes.

Sua representação pode ser encontrada em músicas, filmes, séries e HQ's que passaram a contar com o terrorismo jihadista como parte integrante dessas produções tal qual os russos na época da guerra fria. Um exemplo disso pode ser visto em séries como *24 Horas* e *Homeland*, que trazem terroristas como vilões, embora, em alguns momentos, existam personagens muçulmanos no time dos heróis.

O aspecto global do 11 de setembro fez com que a ameaça do terrorismo islâmico não se limitasse aos Estados Unidos: nos anos seguintes, outros grupos terroristas realizaram ataques, a

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

exemplo do Estado Islâmico e dos atentados em Paris. As ações dos terroristas se tornaram notícia em vários países e a relação com a comunidade muçulmana se tornou mais complexa com seus integrantes sendo vítimas de xenofobia e intolerância.

Os casos de islamofobia aumentaram. Para Enzo Traverso, a islamofobia teria tomado o lugar do antissemitismo, dentro daquilo que ele compreende como pós-fascismo.^{XVI} Para os conservadores, fundamentalistas cristãos e pós-fascistas, a Europa cristã estaria ameaçada pela “barbárie” do islã. Concomitantemente, a islamofobia cresce pela Europa a ponto de se tornar pauta de eleições.^{XVII} Segundo Traverso:

Atualmente, o confronto com o islã ajudou a criar o mito da identidade europeia, constantemente invocado por aqueles que clamam «pelas raízes do continente judaico-cristão». Desde os anos 1980, primeiro com a Guerra do Afeganistão depois com a Guerra do Golfo e a Guerra do Iraque de 2003 e finalmente com o terrorismo islâmico, a islamofobia vem crescendo sem parar.^{XVIII}

Pautas anti-imigração ganharam força e se tornaram bandeira da atuação da extrema-direita por meio de partidos políticos desse tipo. Nesse sentido, temos que o terrorismo e a islamofobia se tornaram elementos importantes na composição das relações políticas e culturais após o 11 de setembro.^{XIX}

A catástrofe e o tempo presente

Em sua *Apologia da História*, Marc Bloch escreveu que: “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”.^{XX} Essa relação entre presente e passado na atividade historiográfica ocorre com uma influência mútua. Por um lado, o conhecimento histórico acaba sendo visto como um guia para entender o presente, algo que daria sentido ao que vivenciamos. Os acontecimentos teriam um sentido, causa e consequência que poderiam ser explicados pelos historiadores.

Por outro, as questões do presente remetem a uma demanda que atividade historiográfica deve suprir, criando questões norteadoras para os historiadores. Afinal, aqueles que se dedicam ao ofício de historiar também são influenciados por tendências e questionamentos de sua época. Desse modo, a atividade historiográfica se dinamiza. Afinal, como escreveu Marc Bloch, “o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.^{XXI}

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

O historiador do tempo presente atua em meio a uma demanda social.^{XXII} Por isso, esse profissional acaba por lidar com temas que despertam o interesse sobre o grande público, como foi o caso com os ataques de 11 de setembro de 2001. Para explicar o que levou dezenove homens a tirar suas próprias vidas e a de pessoas inocentes, essas sem qualquer influência na alta cúpula política, foi preciso se debruçar nos conceitos de terrorismo e *jihad*, adentrar na história dos países muçulmanos, compreender os impactos do Imperialismo para cultura árabe-muçulmana e as várias repostas dadas por esta. Assim, aquele evento foi tão impactante, que ainda são realizados novos estudos e análises após mais de duas décadas do ocorrido.

O 11 de setembro se insere nesses aspectos aos quais o historiador do tempo presente deve se atentar. Ele traz consigo uma demanda social; para compreendê-lo, devemos, em alguns casos, olhar para acontecimentos antigos e para a relação que determinados grupos possuem com o passado e sua relação com Acontecimentos Monstros. Esse impacto e suas consequências ocorreram tanto na história americana como na história dos povos do Oriente Médio e de outras regiões, fazendo com que esse acontecimento transpusesse a história americana, se tornando instrumento de estudo global. Ele acabou sendo um evento catastrófico que trouxe consequências para os americanos e para os muçulmanos. Para Henry Rousso, a catástrofe é um elemento presente na contemporaneidade e que contribui para a construção da maneira como nos relacionamos com o nosso tempo.^{XXIII}

Nas últimas décadas, seja para o ensino ou para a memória, o trabalho com temas mais próximos à época do historiador fez com que os estudos com assuntos sensíveis e traumas coletivos fossem cada vez mais comuns. Isso levou a historiografia a pensar temas que antes não eram tão comuns e ressignificando o papel do historiador, agora visto com alguém que trabalha o seu tempo e não apenas o passado.^{XXIV}

Rousso entende que a nossa relação com o tempo presente se dá por meio de dois aspectos importantes: a contemporaneidade e a catástrofe. O contemporâneo sempre esteve presente na prática historiográfica, porém o seu sentido e objetivos foram sendo alterados ao decorrer do tempo. Em nossa época, nos relacionamos com o contemporâneo de maneira mais intensa, o que, para François Hartog, representa uma mudança no regime de historicidade de nossa época. Somos marcados pelo presentismo, ou seja, possuímos a constante preocupação com os fenômenos mais próximos de nós, os que possuem relação mais intensa ao contemporâneo.^{XXV} Nisso, a

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

contemporaneidade permite aos historiadores “agir sobre seu presente, quer ele seja um ator dos eventos que ele descrevem quer seu ato de narrar apresente uma utilidade pública”.^{XXVI}

A catástrofe, por outro lado, é algo que marca nossa contemporaneidade, embora o termo não possua reconhecimento unânime e universal, uma vez que cada sociedade compreende e lida com suas catástrofes de formas diferentes.^{XXVII} A partir do século XX, os traumas assumem o papel de tragédia como ocorreu com o Holocausto, as guerras, as ditaduras, os atentados terroristas e os regimes autoritários.^{XXVIII}

A catástrofe seria algo que marca, que possui um efeito duradouro e que leva à reflexão. Tal concepção dialoga com a necessidade de lidar com traumas coletivos, uma área do ensino de história que trata de importantes acontecimentos e seus reflexos no tempo presente. Eventos desse tipo puderam ser observados durante primeira metade do século XX, como nas duas Guerras Mundiais, no Genocídio Armênio (1915-1923) e no Holocausto (1941-1945). Mesmo após a exposição e repúdio a crimes desse tipo, o final do século XX também foi composto por fatos dessa natureza como os massacres na Bósnia (1995), em Kosovo (1998) e na Macedônia (2001), durante a Guerra Civil Iugoslava (1991-2001), e em Ruanda (1994), que fizeram com que houvesse revisões e estudos em relação à temática dos genocídios e do ensino de traumas coletivos.^{XXIX}

Cada época tem suas questões e um mesmo acontecimento pode ganhar novos significados a depender dos questionamentos e de novos documentos que possam surgir e elevar o conhecimento sobre algum tema. O passado nunca é uma questão fechada, estando ele inserido em nosso cotidiano de uma forma a qual acabamos lidando com ele a todo momento. Isso ocorre devido ao poder que ele tem de se transformar em memória coletiva a serviço de convenientes usos políticos da história.^{XXX}

Conclusão

Nesse artigo, foram apresentadas algumas reflexões sobre o 11 de setembro e sua relação com a catástrofe e o tempo presente. Em uma época na qual a globalização da informação se consolidou, acontecimentos com influência global se tornam cada vez mais comuns e levam historiadores de várias regiões do planeta a estudar os impactos disso em suas regiões, algo que demonstra ser uma característica da historiografia em nossa época.

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
 UMA REFLEXÃO
 SILVA, D. L. S.
 SÁ, K. C. L.

No caso do 11 de setembro, sua relação com a catástrofe e o tempo presente é intrínseca. Seja pela forma a qual acontecimentos traumáticos geram um impacto ou pela maneira a qual suas apropriações podem se tornar distintas a partir do ponto de vista de quem a relata. Por conta disso, o 11 de setembro se tornou um acontecimento chave para quem busca entender a relação do dito Ocidente com os povos árabes e vice-versa.

Suas consequências foram drásticas e refletem até hoje em ambos os lados envolvidos. É necessário salientar que não foram apenas os americanos os impactados pelos atentados; a população árabe, em muitos países, não se limitando ao Oriente Médio, teve que conviver com uma onda de violência e preconceito quanto a suas crenças e sua cultura. Nesse sentido, percebemos que os acontecimentos traumáticos denotam uma característica catastrófica pela sua influência em macro e em micro escala.

Sendo assim, acreditamos que o olhar para o 11 de setembro a partir dessa perspectiva contribui tanto para um olhar detalhado do ponto de vista metodológico quanto para um estudo do acontecimento em si. Olhar para as catástrofes do nosso tempo é olhar para aquilo que nos influencia dentro dos processos de ruptura que ocorrem.

Notas

^I Doutor em História Comparada pela UFRJ. Mestre em Educação e Graduado em História pela UFS. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: diego@getempo.org

^{II} Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). E-mail: katty@getempo.org.

^{III} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Editora FGV, 2016.

^{IV} Sobre o memorial consultar: THE SEPTEMBER 11 DIGITAL ARCHIVE: SAVING HISTORIORES OF SEPTEMBER 11, 2001. Disponível em: <https://911digitalarchive.org/items/show/97078>. Acesso em 27 de out. de 2022.

^V PEW RESEARCH CENTER. **U.S. Muslims Concerned About Their Place in Society, but Continue to Believe in the American Dream: How the U.S. general public views Muslims and Islam**. 26 de julho de 2017. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/07/26/how-the-u-s-general-public-views-muslims-and-islam/>. Acesso em 06 de novembro de 2018

^{VI} MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Ciberespaço e extremismos políticos no século XXI. Revista eletrônica Cadernos do Tempo Presente. Nº 14, [ISSN: 2179-2143], 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/viewFile/2691/2324> Acesso em 05/03/2023.

^{VII} SILVA, Francisco C. T. da. Revoluções Conservadoras, Terror e Fundamentalismo: regressões do indivíduo na modernidade. In: SILVA, Francisco C. T. **O Século Sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 123-190.

^{VIII} BARBER, Victoria. The Evolution of Al Qaeda's Global Network and Al Qaeda Core's Position Within it: A Network Analysis. Perspectives on Terrorism, vol. 09, nº 06. 2015. pags. 02-35.

^{IX} Idem

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
 UMA REFLEXÃO
 SILVA, D. L. S.
 SÁ, K. C. L.

- ^x REDAÇÃO. Patriot Act amplia o poder das agências. Folha de São Paulo, 12 de maio de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1205200603.htm>. Acesso em 07 de mar. de 2023.
- ^{xi} ROSENTIEL, Tom. Public Remains Divided Over the Patriot Act. **Pew Research Center**, 05 de fev. de 2011. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/2011/02/15/public-remains-divided-over-the-patriot-act/>. Acesso em 10 de out. de 2022.
- ^{xii} TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita**. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021.
- ^{xiii} CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019. p. 12.
- ^{xiv} NORA, Pierre. O retorno do fato. In: NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas**. 4ª ed. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. 1ª ed - 1979.
- ^{xv} BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. Fundamento Educacional, 2011. p. 302.
- ^{xvi} TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita**. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021. p. 31
- ^{xvii} TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita**. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021.
- ^{xviii} TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita**. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021. p. 67.
- ^{xix} TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo: populismo e a extrema direita**. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021. p. 61.
- ^{xx} Bloch, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J." Zahar, 2001. p. 65.
- ^{xxi} Ibidem, p. 75.
- ^{xxii} CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru/SP: EDUSC, 1999. p. 17.
- ^{xxiii} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Editora FGV, 2016.
- ^{xxiv} CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.
- ^{xxv} HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Autentêntica, 2013.
- ^{xxvi} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Editora FGV, 2016. p. 46.
- ^{xxvii} Ibidem, p. 27.
- ^{xxviii} Ibidem, p. 220-221.
- ^{xxix} DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SCHURSTER, Karl. A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 42, n. 2, p. 744-772, 2016. p.758.
- ^{xxx} TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 10.

Referências

Bibliografia:

- BARBER, Victoria. **The Evolution of Al Qaeda's Global Network and Al Qaeda Core's Position Within it: A Network Analysis**. Perspectives on Terrorism, vol. 09, nº 06. 2015. pags. 02-35.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX**. Fundamento Educacional, 2011.
- Bloch, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J." Zahar, 2001.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

O 11 DE SETEMBRO, A CATÁSTROFE E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
UMA REFLEXÃO
SILVA, D. L. S.
SÁ, K. C. L.

CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SCHURSTER, Karl. A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 42, n. 2, p. 744-772, 2016. p.758.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Autentética, 2013.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Ciberespaço e extremismos políticos no século XXI. **Revista eletrônica Cadernos do Tempo Presente**. Nº 14, [ISSN: 2179-2143]. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/viewFile/2691/2324> Acesso em 05/03/2023.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas**. 4ª ed. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe:** a história, o presente, o contemporâneo. Editora FGV, 2016.

SILVA, Francisco C. T. **O Século Sombrio:** uma história geral do século XX. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

TRAVERSO, Enzo. **As novas faces do fascismo:** populismo e a extrema direita. Editora Âyiné: Belo Horizonte, 2021.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar:** história, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

Sitiografia:

PEW RESEARCH CENTER. **U.S. Muslims Concerned About Their Place in Society, but Continue to Believe in the American Dream: How the U.S. general public views Muslims and Islam**. 26 de julho de 2017. Disponível em: <http://www.pewforum.org/2017/07/26/how-the-u-s-general-public-views-muslims-and-islam/>. Acesso em 06 de novembro de 2018.

REDAÇÃO. Patriot Act amplia o poder das agências. **Folha de São Paulo**, 12 de maio de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1205200603.htm>. Acesso em 07 de mar. de 2023.

ROSENTIEL, Tom. Public Remains Divided Over the Patriot Act. **Pew Research Center**, 05 de feb. de 2011. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/2011/02/15/public-remains-divided-over-the-patriot-act/>. Acesso em 10 de out. de 2022.

THE SEPTEMBER 11 DIGITAL ARCHIVE: SAVING HISTORIORES OF SEPTEMBER 11, 2001. Disponível em: <https://911digitalarchive.org/items/show/97078>. Acesso em 27 de out. de 2022.